

Pedagogia das Encruzilhadas e Observação Participante - Interações em prol de uma educação musical antirracista

Comunicação

Gabriel Monteiro Jacarandá
Programa de Pós Graduação em Música
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGM/UNIRIO)
gjacaranda10@gmail.com

Clara Sandroni
Programa de Pós Graduação em Música
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGM/UNIRIO)
clara.sandroni@unirio.br

Resumo: este artigo debate reflexões oriundas de observação participante realizada na roda de samba do Samba do Trabalhador (RJ), em razão de pesquisa para elaboração de dissertação de mestrado na linha de pesquisa de Ensino e Aprendizagem no Programa de Pós Graduação em Música no Rio de Janeiro. Tais reflexões são analisadas diante do conceito de “pedagogia das encruzilhadas” (RUFINO, 2019). A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica dos textos sobre o tema, utilizados na pesquisa deste autor em sua dissertação e também de reflexões colhidas em realização da pesquisa de campo. Como resultados, em atenção às Leis nº 10.639/03 e 11.645/08, espera-se fornecer reflexões para a prática docente, contribuindo para a viabilização de uma educação musical antirracista.

Palavras-chave: etnomusicologia política, observação participante, educação musical.

Introdução

Para nós, educadores que residem no Brasil, pensar uma educação afro referenciada, para além de imposição legal, é um dever de todo pedagogo, mas mais ainda quando estamos falando de educadores musicais. Dessa forma, na intenção de contextualizar os meus interesses nos temas que serão trabalhados, para melhor introduzir as reflexões deste artigo, é preciso que façamos uma breve apresentação do histórico de estudos e de vida de um dos autores do texto.

Já fui abiã do terreiro Ilê Axé D'Ogum, no qual os trabalhos são conduzidos por Mãe Dália D'Ogum. Também tive aprendizados com o babalorixá Dofono De Omolu e com Rosemary D'Iemanjá. Atualmente, sou cuidado pela ialorixá Wanda De Omolu no Centro de Tradições Ylê Asè Egi Omin. Para aqueles que não são familiarizados com essa área, é preciso dizer que ao abiã não se fornece acesso à totalidade dos saberes que circulam nos terreiros, de forma que a mim foi e é gradativamente apresentado aquilo que o cotidiano exige para a celebração de cultos e festas.

A vivência no cotidiano dos Ilês gerou uma ebulição em mim; um cantor e pesquisador que ali identificava a transmissão e circulação de saberes negados e marginalizados pela maioria das instituições de ensino pelas quais eu passei, tanto escolares, quanto acadêmicas. Por outro lado, por conta de meu trabalho em produção musical e engenharia de som, tive a oportunidade de acompanhar a realidade de diferentes rodas de samba urbano carioca contemporâneo (Lopes, 2003, pp. 15 e 16), tendo sido possível, portanto, indagar-me acerca da existência de uma educação musical que ocorra em rodas de samba, pensada a partir do canto enquanto transmissor de mensagem.

Percebemos também que essas experiências me permitiram conceber um diálogo entre práticas do Candomblé e as rodas de samba das quais eu já havia participado seja como músico, no grupo Samba de Cambraia, seja como técnico de som, nos eventos do Sambotica, Samba Independente dos Bons Costumes, Samba Que Elas Querem, e com os artistas, a exemplo de Leci Brandão, Monarco, Luís Felipe de Lima, entre outros. Isso me permitiu notar a oralidade e a heterogeneidade enquanto características da transmissão de saberes em terreiros de Candomblé, mas também a relevância da manutenção de seus símbolos culturais e da luta contra o racismo e marginalização do povo negro e de seus saberes na sociedade.

Não posso deixar de destacar a importância de minha experiência profissional e acadêmica, já que através dela a centelha dessa pesquisa ganhou força e passei a me debruçar sobre as vivências e processos pedagógico-musicais verificadas no Candomblé, a partir de uma revisão bibliográfica ampla, formando uma base para próximas pesquisas. E de outra forma não

poderia ser. É que por conta da minha vivência pessoal, minha fé e minha filosofia de vida, este trabalho tem uma relação simbiótica com minhas práticas de vida e também pedagógicas, já que pesquisa os matizes da aprendizagem sonora dentro das matrizes e matizes do povo afro diaspórico que oferece um legado imensurável para a educação musical. Em seguida adentro no assunto específico dos objetivos da pesquisa de mestrado como título “Canto no Samba do Trabalhador: a relação ancestral entre Samba e Candomblé - Caminhos para uma educação musical antirracista,” que está sendo conduzida junto à linha de pesquisa de Ensino e Aprendizagem do Programa de Pós Graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGM/UNIRIO).

Nosso objetivo principal com a dissertação em elaboração será o de identificar os possíveis processos de ensino e aprendizagem que venham a ocorrer entre participantes de uma roda de samba. Para realizar esta pesquisa observamos a relação dos repertórios cantados neste espaço com os saberes ancestrais do Candomblé, enquanto norte para uma educação musical antirracista. Especificamente, os processos observados na roda de samba “Samba do Trabalhador”, que tem lugar no Clube Renascença, situado à rua Barão de São Francisco, 54, no bairro do Andaraí, na cidade e estado do Rio de Janeiro. Portanto, apontando a discussão sobre práticas antirracistas, desejamos verificar com esta investigação se a musicalização se apresenta como consequência da educação musical que ocorre em rodas de samba urbano contemporâneo (Lopes, 2003, pp. 15 e 16), sua relação com o viver e fazer musical em terreiros de Candomblé, algo importante para o desenvolvimento motor, cognitivo e social dos indivíduos participantes, tendo como fio condutor o canto popular, o repertório e a prática popular. Como objetivo secundário da pesquisa, propomos averiguar se há métodos próprios e quais seriam utilizados na transmissão de saberes acerca do canto popular, enquanto pilares da resistência, transmissão de saberes e sobrevivência da cultura negra e enquanto caminhos para uma educação musical antirracista.

A escolha pela roda de samba do Samba do Trabalhador se deu por suas características de samba urbano contemporâneo, considerando-se a sua origem africana e toda

sua relação com a música e a cosmogonia dos terreiros de religiões de matriz africana, especificamente o Candomblé (Lopes, 2003, p. 15). Além disso, não se pode esquecer de toda a representatividade do Clube Renascença, palco de feroz resistência da negritude a todos os tipos de preconceito e discriminação, ao longo de sua existência (Zanini, 2009).

Como veremos, a vivência multidisciplinar que se experimenta na prática ritualística ou cotidiana da roda do Samba do Trabalhador, já inicialmente observada durante a elaboração desta pesquisa, salta aos olhos como um fator de desenvolvimento artístico-musical e originador de novas possibilidades para processos de musicalização daqueles que, até então, não tinham relação com a prática vocal, seja ela conjunta, individual ou integrada a outras disciplinas e fatores, como a performance, o tocar e o dançar.

Assim, uma vez apresentada a pesquisa, é possível também entrar no mérito específico do presente trabalho, que terá por objetivo analisar as interações entre Observação Participante, Etnomusicologia Política e Pedagogia da Encruzilhadas durante as idas ao Samba do Trabalhador, entendendo como esses conceitos se articulam e se fizeram presentes no campo realizado.

Observação Participante

Sob a batuta de Exu, que guia e opera nas encruzilhadas e caminhos, é preciso inicialmente considerar que minha observação e pesquisa estão imbricadas ao mundo social do universo do objeto de estudo em questão, por partilhar da fé e dos princípios religiosos do Candomblé. Isso coloca em debate a questão do distanciamento entre pesquisador e o objeto a ser estudado, mas ao mesmo tempo facilita a sua identificação na roda de samba Samba do Trabalhador, uma vez que possibilita a percepção da circulação desse conteúdo cultural de matriz africana, que culminaria, de acordo com a observação etnográfica realizada até o momento, na realização de uma educação musical antirracista.

Assim, é cabível, antes de adentrarmos mais detidamente nas definições e aplicações da observação participante, refletir sobre o fato de que a pesquisa qualitativa ocupa um espaço

devidamente reconhecido na academia quando se pensa em estudos e pesquisas com seres humanos e suas mais diversas relações inseridas em contextos próprios, como abordagem que pode expressar o que seria inviável por via da perspectiva quantitativa. Assim como neste trabalho, Souza (2018), entende que para possibilitar a humanização dos agentes observados, é necessário não apenas observá-los à distância. É preciso participar, dentro do possível, das práticas culturais a serem observadas. Souza afirma: “Isso é o que chamamos de observação participante, prática que tem nos levado, enquanto pesquisadores, a um contato mais direto com o outro e sua cultura” (2018, p.446).

A pesquisa qualitativa cobra um campo multidisciplinar, abrangendo ciências humanas e sociais, ao lidar com tradições ou paradigma de análise, que derivam do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, adotando diversos métodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado em seu lugar de origem. Para isso, busca encontrar o sentido desse fenômeno ao interpretar os significados que as pessoas dão a eles. Como se sabe, o termo qualitativo implica uma extensa rede de troca com locais, fatos e sujeitos que podem, inclusive, todos eles, serem objetos de pesquisa, para que se possa extrair desse convívio os significados relevantes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível que as cruza com competência científica (Chizzotti, 2003 apud Silva; Mathias, 2018). A abordagem qualitativa solicita do pesquisador o refinamento do olhar, investigando e pesquisando seu objeto com a ideia de que nada é comum ou trivial e que tudo, inclusive o silêncio, pode constituir uma pista para principiar uma elucidação da realidade estudada (Bogdan e Biklen, 1994 apud Silva; Mathias, 2018).

Nesse sentido, a observação participante pode ser melhor definida como “estilo pessoal adotado por pesquisadores de campo que após serem aceitos na comunidade a ser estudada, utilizam diversas técnicas para coletar os dados e estudar o grupo” (Angrosino apud Silva, 2009, p.34; Mathias, 2018). Importante também citar que, ao contrário da sua forma mais consolidada, qual seja a investigação etnológica, que normalmente ocorre junto a localidades ou populações distantes, ou manifestações de pequena escala, isso não significa dizer que não

possa ocorrer no local de origem do pesquisador. Como bem ressaltado por Ingold (2015), a observação participante, por si só, não é etnografia, mas sim um pressuposto da ação etnográfica, sob pena de incorrer em uma etnografia distanciada da realidade e violenta, abusiva para com seus participantes. Não se trata de catalogar pessoas e seus fazeres, “É mais uma realização, em letra e escritura, na qual nós devemos ao mundo para nosso desenvolvimento e formação. É isso que quero dizer por comprometimento ontológico.” (p. 388).

Logo, efetivar a observação de uma roda de samba urbano contemporâneo que se relaciona com a cosmogonia do Candomblé, para além da descolonização de currículos e contribuição com o florescimento da educação antirracista, tem um alto grau de subjetividade, uma vez que a percepção *In loco* desses saberes e de seu apagamento faz com que a pesquisa se apresente como uma obrigação, para além de política, pessoal e espiritual. Entendemos que, dessa forma, encontramos uma maneira de combate ao pacto da branquitude, conforme conceito apresentado por Cida Bento (2022).

Mas não só. Para Ingold, o conceito de etnografia “literalmente significa escrever sobre pessoas” (Ingold, 2015, p. 385). Ele, desse modo, aponta para dois aspectos importantes em etnografia: o ato de escrever e o sobre quem se escreve. Este modo literal de ver a etnografia é uma forma que possibilita o seu encaixe em diversos arranjos epistemológicos. Ingold, entretanto, lembra que não é toda escrita sobre alguém que podemos chamar de etnografia. Uma etnografia precisa ser produto de um envolvimento ontológico com o campo e sua escrita não é somente duramente descritiva, ela possui um toque artístico em sua composição. Em suas palavras “[...] descrições etnográficas, nós podemos dizer claramente, é mais uma arte do que uma ciência, mas não menos precisa e verdadeira por isso”⁷ (Ingold, 2015, p. 385).

Bruno Netti afirma que “[...] a variedade de técnicas de campo e métodos na antropologia cultural é imensa”, e que, caso o pesquisador queira mudar sua postura de turista, “outsider”, a participação é a rota mais curta e lógica (Netti, 2005, p. 175). E, tal qual José Alberto Salgado e Silva afirma, acreditamos no

[...] potencial da prática da etnografia para a formação, ou educação, de seus praticantes – com ela se pode exercer uma consciência histórica, uma disposição antropológica e filosófica, e um contato bastante comprometido com a produção humana de literatura em geral, já que o pesquisador-etnógrafo passa a tomar parte nessa produção. (Salgado e Silva, 2012, p.62)

Nesse ponto, ainda que a pesquisa não esteja concluída, os dados colhidos e os aprendizados adquiridos pelo pesquisador foram vários, como repertório, por exemplo, sendo válido ressaltar o entendimento dos rituais praticados no Samba do Trabalhador. Para que possamos alcançar o “potencial da etnografia” (Salgado e Silva, 2012), entendemos que dentre os métodos etnográficos possíveis: “Gravação em áudio, vídeo e a fotografia “(...) podem ser úteis para penetrar mais a fundo no problema investigado (...) O vídeo pode ser estimulante para a ação e a reflexão sobre o comportamento de um grupo de atores pesquisadores.” (Morin, 2004, p. 140). Todas essas ferramentas foram utilizadas, mas não só.

Com o uso da tecnologia, o autor criou uma forma de registro por meio de conversas com o próprio perfil, no aplicativo WhatsApp, em seu próprio celular, e utilizou-se do *smartphone* para potencializar a sua pesquisa. Não obstante, também o utilizou como forma de não chamar a atenção dos músicos e do público presente, como, por exemplo, um bloco de anotações. Sobre essa escolha, antes da realização do campo, uma das maiores preocupações em relação à realização da observação participante seria uma possível interferência na imersão direta no campo e que eventualmente refletissem sobre a rotina dos sujeitos da pesquisa.

Foi possível perceber, por exemplo, a relação do Clube Renascença com o estímulo a uma cultura antirracista, uma vez que, em espaço franqueado ao público da roda de samba, há também uma exposição de negras e negros relevantes para a negritude brasileira, quais sejam: de um lado, Helena Theodor, Sebastiana Arruda, Conceição Evaristo, Lea Garcia Ruth de Souza, sob a frase “ancestralidade, memória e resistência”; de outro lado, Martinho da Vila, Abdias do Nascimento, Haroldo de Oliviera, Ney Lopes, Zozimo Bulbul.

Figura 1: Foto de mulheres negras exaltadas no Clube Renascença



Figura II: Foto de homens negros exaltados no Clube Renascença



Nesse mesmo espaço, havia uma feira de artesanato, também com barracas de comidas (Acarajé, Barriga de Porco, vestimentas, souvenirs do Samba do Trabalhador, entre outros). Entre as barracas e o vasto repertório antirracista executado nas edições observadas, em canções como Zuela de Oxum, Estranhou o Que? e Reza do Samba, crianças jogam bola e brincam no espaço de uma quadra esportiva. Uma grande encruzilhada onde erês e griôs se

aquilombavam. Havia ainda uma exposição chamada Beleza em Foco, na qual se ressalta a beleza de diferentes biotipos da negritude.

Figura III: Foto da exposição Beleza em Foco no Clube Renascença.



Assim, com esse intuito, buscamos coletar o máximo de informações possíveis para os objetivos centrais deste estudo, sem interferir nas práticas, ou violar a privacidade e a confiança dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, Minayo (apud Amorim, 2016, p. 67) afirma que:

A simplicidade por parte do pesquisador é fundamental para o êxito de sua observação, pois ele é menos olhado pela base lógica dos seus estudados e mais pela sua personalidade e seu comportamento. As pessoas que o introduzem no campo e seus interlocutores querem saber se ele é “uma boa

“pessoa” e se não vai “fazer mal ao grupo”, não vai trair “seus segredos” e suas estratégias de resolver os problemas da vida. A história da pesquisa qualitativa está repleta de exemplos do quanto ela pode contribuir para com a sociedade, mas também do quanto ela pode decepcionar os interlocutores e o que eles esperam como resultado da mútua interação. (p. 67).

Já foram 7 dias de observação participante na roda de samba do Samba do Trabalhador e diversas foram as observações já realizadas que impactaram no pesquisador e que trazem reflexões relevantes para esta comunicação. Inicialmente, é preciso dizer que o observador, de forma intencional e desde o começo da observação, buscou separar-se da figura de cientista social com seu bloco. O próprio contato com a roda de samba aconteceu por intermédio de um ex integrante do grupo, o companheiro Luiz, que facilitou a entrada no campo, por ter feito uma preparação para o diálogo com a produtora do samba, Jacqueline, que vinha até então não encontrando disponibilidade para retornar emails de contato acerca da pesquisa.

Com essa introdução, além do ingresso para a primeira edição, foi necessário chegar cedo ao Clube Renascença para conseguir colher as assinaturas para o termo de anuência da observação, e também para poder ter a oportunidade de explicar para os músicos acerca da observação que seria realizada e dos caminhos e objetivos da pesquisa que estamos elaborando. É válido ressaltar que, nesse ponto, todos os músicos foram sempre muito receptivos e abraçaram a ideia da pesquisa desde o primeiro contato. O próprio Moacyr Luz, por exemplo, indicou músicas que tocaram, nessa primeira oportunidade, e que guardam relações com a cosmogonia do Candomblé.

Além disso, uma escolha para o campo acabou facilitando a absorção do pesquisador enquanto somente mais um integrante do público. Ciente do destaque que, provavelmente, diante da contemporaneidade, teria sido dado a um pesquisador com um bloco de notas na mão, como dito anteriormente, o pesquisador acabou por eleger o celular para tomar notas de tudo aquilo que ocorria, desde o trajeto de sua casa, até a gastronomia, cultura, exposições e repertório praticado pela roda no Clube Renascença. Válido dizer, nesse ponto, que até o

trajeto que fiz a pé, de minha casa até o clube, já foi carregado de significados e significações para a pesquisa, como, por exemplo, a proximidade com a quadra da Escola de Samba do Salgueiro e com a realidade dos subúrbios cariocas.

Neste sentido, a análise desses dados não deve ser limitada apenas ao que colhido na revisão bibliográfica, pelo contrário. É preciso que ela seja entendida em encruzilhadas com teorias formais apresentadas por Luiz Rufino (2019, 2021), Allan da Rosa (2019), Nei Lopes (2003), Kabengele Munanga (2004, 2005), Paulo Freire (1987, 2015) e outros que possibilitaram a confecção deste trabalho. E assim é que foi possível ir depreendendo o impacto dessa observação participante, inclusive, no meu fazer pedagógico e musical, já que muito dos fazeres clássicos do Samba do Trabalhador, como cantar o coro dos sambas criadas pelo Moacyr, ou saber o momento e a clave correta para tocar “palma na mão”, mas não só. Além da parte mais objetiva e técnica, relacionada ao fazer musical, há também todo um arcabouço de mensagens contidas no repertório cantado e que, pelo menos para este pesquisador, parecem estimular no público uma atitude antirracista diante dos problemas da contemporaneidade, como é o caso de “Reza do Samba”, “Estranhou o Quê?”, “Zuela de Oxum” e várias outras canções tocadas.

Inclusive, até mesmo as versões de outras canções que são de outros compositores e fazem parte do repertório, em muitos momentos, guardam relação com a questão do racismo, da escravidão, da liberdade do povo negro, como o samba enredo da G.R.E.S Estação Primeira de Mangueira “100 anos de liberdade, realidade ou ilusão?”.

Procura-se com essa reflexão entender que, em sociedades estruturadas a partir do racismo, a normatividade social é regida pelo racismo. Portanto qualquer posição que sustente eventual suposta “neutralidade” situa tais indivíduos, ilusoriamente, numa condição de “limbo racial”, reproduzindo o racismo, porque esta suposta neutralidade, não as impele contra a normatividade subordinada ao racismo, mantendo-as confortáveis – privilégio, indiscutivelmente, branco. Até porque, conforme lições de Leonardo Batista:

A epistemologia do processo de Educação Musical, nas escolas de Educação Básica, por exemplo, obedece ainda ao cânone eurocêntrico, impossibilitando, invisibilizando e subalternizado o conhecimento que advém da negritude. Quando esse conhecimento chega ao espaço escolar chega de forma deturpada e folclorizada, o que impede a reconfiguração de um currículo que abarque a produção de conhecimento enquanto processo de construção de saber (Batista, 2018, p. 10).

Pretende-se, portanto, pensar numa escola outra, que enxergue a cultura como parceira da educação e não algo que deve ser tolhido, domesticado ou sofisticado pelos saberes de um suposto mestre, no sentido de que é preciso descolonizar os currículos criando um ponto de ruptura epistemológico e cultural (Rufino, 2019), que afirma:

[...] o colonialismo produziu violências indelévels em todos nós, porém, o seu projeto de ser um paradigma hegemônico monocultural e monorracionalista apresenta fissuras, fraturas expostas” (p. 36), sendo responsabilidade de nós, educadores, cismarmos com as respostas até então dadas e considerarmos que grande parte dos conhecimentos orientados pelo discursivo científico moderno é limitado a saberes etnocentrados. (Rufino, 2019, p.39).

Para ressignificar os impactos da colonização da educação musical brasileira e desatar o “nó atado ‘religião, conhecimento e coloniais.” (Rufino, 2019), enxergamos na supracitada pedagogia:

[...] uma resposta responsável e, enquanto ação de conhecimento, se desenvolve apoiada em referenciais éticos/estéticos historicamente subalternizados, cuspidando uma crítica aos efeitos do colonialismo. A pedagogia das encruzilhadas não exclui as produções centradas na ciência e nas suas tradições como possibilidade credíveis, mas as contesta como modo único ou superior. [...] atravessa os modos dominantes de conhecimento com outros modos historicamente subalternizados. Esses cruzos provocam os efeitos mobilizadores para a emergência de processos educativos comprometidos com a diversidade de conhecimentos (Rufino, 2019, p. 79).

Acreditamos nesses “cruzos” (Rufino, 2019, p. 79) entre modos de conhecimento dominantes com outros modos subalternizados para contrapor o ranço colonial na educação musical brasileira que ainda reflete um ensino conservatorial e humboldtiano (Carvalho, 2018, pp. 83-84).

Conclusões

A observação participante, como vimos nessa comunicação de pesquisa, é um importante recurso para pesquisadores que cismam com as respostas até então dadas e que se propõe a uma releitura dos modos dominante de conhecimento, buscando espaço para também credibilizar saberes da negritude, tão violentados pelo racismo em nossa sociedade. Tendo em vista essa perseguição, subalternidade e intolerância tradicionalmente manifestados para com as tradições e praticantes de religiões afro diaspóricas no Brasil, deu-se ênfase à integração e diálogo com os locais visitados, assim como ao respeito aos preceitos religiosos definidores do corpo ritual, filosófico e cosmogônico do Candomblé e sua integração com o fazer musical de cada roda de samba urbano carioca que se observou.

É como diz o samba: “A comida que é de santo, é pra quem sabe preparar. Sem saber mexer na coisa, deu dendê pra Oxalá. E botou comida branca, no peji de Beira-Mar. Hoje em dia tá pagando, que é pra nunca mais errar.” E pra não errar, entendemos que com a realização da observação participante, esta pesquisa de campo buscará respeitar as questões éticas e filosóficas da cosmogonia do Candomblé e do Samba, além de proporcionar ao pesquisador um olhar mais aproximado do objeto de pesquisa. Uma revisão bibliográfica, por si só, resultaria num olhar distanciado da realidade praticada pela roda de samba do Samba do Trabalhador e não resultaria nos mesmos dados e informações colhidas para o melhor entendimento dos rituais, práticas e fazeres, musicais ou não. E é exatamente com base nesses dados colhidos, fomentadores de uma cultura antirracista, que pretendemos refletir e colocar em prática uma educação musical descolonizada e antirracista.

Referências

BATISTA, Leonardo Moraes. *Educação Antirracista e Educação Musical: interações e perspectivas para a Educação Básica*. Santa Catarina, Interlúdio, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/105965252553040302201811> .

Acesso em 20 de julho de 2024.

_____, Leonardo Moraes. *Pesquisa Etnomusicológica e Contemporaneidade: abordagens e perspectivas outras*. Rio de Janeiro: Anais do VI SIMPOM, 2020. Disponível em: <https://seer.unirio.br/simpom/article/view/10678/9174> . Acesso em 10 de maio de 2024.

BENTO, Cida. *Pacto da Branquitude*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARVALHO, José Jorge de. *Encontro de Saberes e descolonização para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras*. In: *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Organizadores Joaze Bernardino-Costa, Nelson MaldonadoTorres, Ramón Grosfoguel. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17ª. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

INGOLD, Tim. *That's enough about ethnography!* Hau: Journal of Ethnographic Theory., V.4, p. 383–395. 2015.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. 4ª edição. São Paulo: Selo Negro, 2011. Página 461.

_____, Nei. *Sambeabá: o samba que não se aprende na escola*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MORIN, André. *Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf . Acesso em: 08 jul. 2024.

_____, Kabengele. *Superando o Racismo na escola*. 2ª edição revisada, organizador. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf . Acesso em 08 jul. 2024.

NETTL, Bruno. *The study of ethnomusicology : thirty-one issues and concepts*. Illinois, 2005.

OLIVEIRA, Luís R. Cardoso de. 2018. *O ofício do antropólogo, Ou Como Desvendar Evidências simbólicas*. Palestra proferida em 10 de julho de 2007 na Reunião Anual da SBPC em Belém e, com poucas modificações, no IFCS-UFRJ, a convite do LeMetro/NECVU, no dia 4 do mesmo mês. Uma versão anterior foi apresentada no dia 22 de novembro de 2006 durante a Reunião Regional-Tocantins da SBPC, em Palmas. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/download/articulo/7441082.pdf> . Acesso em 05 de Agosto de 2023.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. 1º edição. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

_____, Luiz. *Vence-demanda: educação e descolonização*. 1º edição. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.

SALGADO E SILVA, José Alberto. *Variações sobre o tema da Gafieira: Um conjunto na Lapa carioca*. Cadernos Do Programa De Pós-Graduação Em Música, Revista Debates. Disponível em: <http://seer.unirio.br/revistadebates/article/view/3917> . Acesso em 29 jul 2024.

_____, José Alberto. *Notas sobre Descrição, Diálogo e Etnografia*. Rio de Janeiro: Música e Cultura, Vol. 6, 2011. Páginas 57-68.

SOUZA, Schneider. *Considerações teóricas sobre a prática da etnografia na atualidade a partir de Anthony Seeger e Tim Ingold*. Anais do V SIMPOM, 2018. Disponível em <http://seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/7746> . Acesso em 05 jul. 2024.